

NAQUELA LÍNGUA

CEM POEMAS
E ALGUNS MAIS

ANTOLOGIA DA
NOVÍSSIMA POESIA BRASILEIRA

ELSINORE

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
Francisco José Viegas

ÍNDICE

09

Nota Introdutória

-

11

Alice Sant'Anna

-

19

Ana Guadalupe

-

23

Annita Costa Malufe

-

29

Caco Ishak

-

35

Diego Callazans

-

40

Laura Assis

-

46

Laura Liuzzi

-

53

Leonardo Marona

-

58

Luca Argel

-

62

Luis Maffei

-

72

Maíra Ferreira

-

77

Mariano Marovatto

-

81

Maria Rezende

-

88

Marília Garcia

-

97

Naiana Amorim

-

106

Nina Rizzi

-

110

Roberta Ferraz

-

119

Tatiana Pequeno

-

NOTA INTRODUTÓRIA

A terceira edição, a coleção de antologias de poesia com que a Câmara Municipal de Matosinhos evoca a memória de Florbela Espanca atravessa o Atlântico.

Estas *seletas de poesia*, que já prometeram *salvar a nossa vida* e nos levaram a revisitar o mar, desafiam-nos agora a atravessá-lo em busca de outros versos escritos na nossa língua. É *mar alteroso e profundo* para a poesia — que cada vez tem mais dificuldade em sair de circuitos reduzidos e fechados. Este tipo de obras, que reúnem e divulgam autores que, de outra forma, teriam muita dificuldade em chegar às estantes portuguesas, têm, também por isso, um papel importante.

Ao contrário do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira (cuja vida e obra inspira sempre as nossas travessias do Atlântico), não há aqui qualquer tentativa de catalogação dos autores por temas ou escolas: é tão-só uma mostra de quase duas dezenas de poetas com obra publicada exclusivamente no século XXI.

Num meio tão atomizado e individualizado, em que cada poeta cria o seu próprio universo e linguagem (a poesia convive estreitamente com a solidão dos seus criadores), desenvolver um exercício de arrumação, estética ou até geracional, seria um ato de profunda arrogância e uma inevitável traição à diversidade de vozes que se apresenta neste volume.

Cabe ao leitor encontrar as suas afinidades e implicâncias; no fundo, cabe-lhe fazer *a sua leitura* — a única razão de ser da poesia: confrontar o leitor com cada verso.

Por fim, é devido um particular agradecimento a todos os poetas, cuja generosidade e confiança permitiram que esta antologia integrasse 25 textos inéditos.

ALICE SANT'ANNA

Alice Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro, em 1988. Publicou os livros de poemas *Dobradura* (7Letras, 2008), *Pingue-Pongue* (2012, em parceria com Armando Freitas Filho), *Rabo de baleia* (Cosac Naify, 2013) e *Pé do ouvido* (Companhia das Letras, 2016). Tem poemas em várias antologias, como a espanhola *Otra Línea de Fuego – Quince poetas brasileñas ultracontemporáneas*.

seis inéditos

E UM DIA AS FORMIGAS DESPENCARAM

e um dia as formigas despencaram
da árvore como se estivessem maduras
uma chuva de formigas
e achamos que aquilo era tão especial
que merecia ser comemorado
na frigideira com manteiga
as saúvas crocantes
comprei um perfume só porque
se chamava água pura
e a graça era pagar caro
por um frasco de vidro
escrito em linhas finas água pura
ficamos em silêncio no telefone
ele perguntou qual era a palavra
eu não sabia qual era a palavra
por isso demorei cinco dias para responder
falei de longas caminhadas pela cidade
não contei que na calçada havia uma fruta
sem casca toda mordida por formigas

uma pêra um banquete
não disse que o som é uma frequência
que na inércia viaja de um lado
para o outro e rebate e pode
perder a força
mas não morre nunca
ainda não sei bem o que isso quer dizer
tudo o que falamos fica pra sempre
fluindo no ar como água?
(como é o cheiro da água pura?)
talvez o som volte mais tarde
e nos pegue de surpresa?
o amigo dela é obcecado pelo movimento
das formigas, o movimento
que olhando de fora parece
assustado ou aleatório mas que nos bandos
internamente faz sentido
e dentro do apartamento por causa do vale
às vezes se escuta uma pessoa falando lá de longe
em casa do outro lado do morro
uma frase baixinha um sussurro
de um vizinho distante
ficamos quietos por tempo demais
com medo de dizer a coisa errada
no telefone não tinha como saber
se você me olhava nos olhos

CAIXAS

ele disse que era uma questão
de paciência
e agora vive
dentro de uma pequena caixa
para a qual me curvo

não estamos próximos mas nos falamos
nas pontas dos dedos
ele me aconselhou a ter paciência
disse que as palavras nem sempre têm
assim tanto peso
que as palavras dentro
de uma pequena caixa pedem
boa vontade mas sobretudo paciência
tudo é envolto por caixas
principalmente a torácica
o meu coração que você carrega
por outra parte
talvez em outro planeta
paciência: eu também
caminho empilhando caixas
uma em cima da outra
equilibradas mas o tempo todo
a um fio de espatifar no chão
não sei de que material é feita a caixa
algo frágil que não amassa
não é papelão ou papel pardo é mais
vidro fino um cristal
que pode proteger do vento mas não
da queda nunca da queda: paciência
o vidro pode romper numa lufada
se estivéssemos no palco o mágico
convidaria sua assistente para deitar
numa caixa preta e com uma serra
cortaria a mulher em dois
as perninhas balançando de um lado
e o sorriso amedrontado do outro
depois num lance impressionante o mágico
juntaria as duas caixas
ou todas que fossem necessárias

e pediria para a moça receber
os aplausos da plateia
as pernas e o sorriso agora num corpo só
numa única caixa
que vem a ser o corpo
enquanto isso você pega um trem
embrulhado em muitos casacos
que não protegem a lâmina de vidro
um túnel subterrâneo
profundo sob a terra em qualquer parte
eu sou a assistente me valendo de medidas
desço para recolher as flores no chão
sorrio com o olhar distante
paciente mas sem muita certeza
de que essas são mesmo
as minhas pernas

SEM SABER SE AINDA É DIA OU NOITE

sem saber se ainda é dia ou noite
puxa um pouco de lado a cortina
pra ver lá fora o barulho
que faz o mundo quando desaba
pancadas de água no prédio verde
entrando a toda pelas janelas
o prédio bambo talvez caia
nunca sabe se é melhor assistir às tragédias
ou fechar a cortina e ouvir
o estrondo ou ainda
fechar a cortina e os ouvidos
para ter certeza de que nada está se passando
ficar imune a tudo não sentir mais
do que se sente (que já é tanto)
o prédio da frente está no limite

mas talvez esteja também este aqui
não sabe como é a vista da janela
de lá pra cá o prédio esguio
sob as nuvens chumbo
como bate a chuva como treme

COMPROU BRINCOS DE ÂMBAR

comprou brincos de âmbar
porque alguém disse
que se juntasse a cor da pele
com a dos olhos e dos cabelos
a soma seria âmbar
no telefone ela sorri muito
mexe a cabeça para que os brincos
pendurados batam no fio
assim ela lembra que está de brincos
assim ela lembra que tanta gente passa uma vida
inteira sem saber qual é a soma
de todas as cores
e eu já encontrei a minha, ela diz
cheia de dentes (os dentes
imagino do outro lado da linha)
conta que tem dormido pouco
acorda sonolenta
não lembra nunca do que sonhou
ou fala isso porque no fundo os sonhos
são inconfessáveis
até para o analista teria vergonha
de repente uma longa pausa
e se os sonhos fossem
subitamente proibidos?
ela pergunta dramática
diz que não vai ter pressa

o mapa astral diz para não ter pressa
não vou acumular dívidas
minha vida será confortável
um amor e filhos é possível
enrosca o âmbar com o indicador
aperta a pedra até não quebrar
um amor que ainda vai acontecer
a astróloga a aconselhou a viajar
vai comprar um anel em cada canto do mundo
precisa usar os anéis todos juntos
uma mão toda de prata quase uma luva
depois perder os anéis um por um
especialmente aquele com a pedra âmbar
dizer que tomou todo cuidado possível
para não perder os anéis
mas todo cuidado não previne do frio
que afina os ossos no inverno
e faz com que os anéis deslizem e se lancem
não previne dos assaltantes
nem dos lapsos em quartos de hotel
nem das pessoas que pedem
para ficar com um lembrete uma recordação
todo cuidado não elimina sequer a vontade
de esquecer o anel de propósito

O BARULHO AO LADO

o barulho ao lado
uma rachadura é provável
no prédio recém-construído
novinho em folha
apartamentos comprados
na planta já tinha gente vivendo
e todos tiveram que sair

se mudar pra casa da tia
voltar pra casa da mãe
cada um se arranja como pode
diante da ameaça do tombo
mas eis que todo dia quando caminha por perto
acha que é justo quando caminha por perto
que o prédio vai ruir de vez
se não ruiu até agora se não
desabou completamente
não encheu a gávea de poeira de asfalto
de sofás novos e uma escrivaninha que alguém
herdou da avó do recife
da geladeira que guarda um último caqui
na caixa e um presente da maison du chocolat
o laço que não romperia com a queda
os bombons ainda intactos
quando chega em casa já de noite
sente muito frio
calça meias nos pés e durante o sono
sem perceber tira as meias com muito calor
sonha com montanhas que desmoronam em série
sempre de dentro pra fora

DEITADO COM O DEDO NA BOCA

deitado com o dedo na boca
o sorriso invertido
curvado como uma montanha
a pele da perna uma cédula
gasta e seca
todos os dias rigorosamente iguais
banheiro, visitas, ampolas de sangue
às vezes tem mordomias como
um pedaço de pão ou uma fruta

doce nem pensar
da janela passa uma nuvem de carros
um táxi amarelo convida
a ir a qualquer lugar
sem previsão de alta o táxi é mais
uma miragem um filme
na televisão aquele programa da tv5
sobre casas em paris sem saneamento
pessoas que moram hoje, você acredita?, em quartos
sem janelas, apartamentos no sexto andar
sem elevador, como será que fazem para subir
com a água? não tomam banho, naturalmente
depois se cansa da conversa
a nuvem se torna mais espessa
na hora do rush o táxi não tem serventia
se não puder tomar o caminho que leva
ao ponto mais alto
de onde se vê a curvatura da terra

ANA GUADALUPE

A na Guadalupe nasceu em Londrina, em 1985, e hoje mora em São Paulo. O seus poemas foram publicados em antologias, sites e revistas literárias de vários países. Em livro, publicou *Relógio de Pulso*, pela 7Letras, em 2011, e *Não conheço ninguém que não seja artista*, pela Confeitaria, em 2015.

três inéditos

ALLAN KARDEC

espírito que observa este mundo
do sofá empoeirado da dimensão paralela
que dia chato
e longo
deve ser o seu
que programação
repetida
preparamos
este ano

são tantas cenas de ronco e banho

e mesmo assim você fica obcecado
e no canto da sala acompanha os vivos
com sua má postura ferimentos olheiras etc. afinal
você não tem passado bem
desculpe se imagino errado
não conheço bem as teorias do espiritismo

suponho que no pós-vida não há luz
mas há aqui na tela

do aparato que encaro o dia todo
todos os dias
digitando com apenas dois dedos
os farelos de pão velho caindo no teclado

que vida triste você pensa

são tantas horas da mesma atividade
que você se entedia e cochila
deixando pra depois seu trabalho
de fazer assombração

A/C PROPRIETÁRIO DO IMÓVEL

caro proprietário deste imóvel
em que vivo já há algum tempo
sem nunca no entanto abandonar o medo
de você acordar meio mal-humorado
ou querendo abrigar seu sobrinho
que faz faculdade de cinema
ou apenas irritado
com meus hábitos noturnos
conforme informaram os gestores
do condomínio

acredito ingenuamente
que se você me conhecesse
mudaria de ideia de forma brusca
enfrentaria a reprovação dos parentes

se você me conhecesse
veria meu esforço e esmero
saberia que morei em outros 23 espaços alugados
antes de chegar rolando a este
se então fôssemos amigos

que se conhecem há menos de um mês
mas já se compreendem profundo
você notaria que sua renda total é suficiente
e que eu tenho tristezas o bastante
para que você me liberte dos valores
e avise rapidamente os gestores
que tenho o direito de residir para sempre
e livre de medo
neste seu apartamento

O ALUGUEL E O SONO

na cama o sono fica arisco
ao lado do respirar ruidoso asmático
do aluguel quase vencendo

o aluguel rouba os travesseiros
os edredons e os pesadelos
mas paga a casa onde fica a cama

concordamos que o sono é meio covarde
e o aluguel o cônjuge que oprime
o ano inteiro e todo dia quinze
sem querer e com muita vontade

— três poemas de Não conheço ninguém que não seja artista, 2015 —

AMIGOS DEMAIS NAS REDES SOCIAIS

a pessoa que cultivava amigos demais
amgs d+
inspira inevitável desconfiança
é provável que marque encontros com setenta
deles na lanchonete ao mesmo tempo
para tornar o processo mais rápido
os olhos esbugalhados nas fotos

AMIGOS DEMAIS NAS REDES SOCIAIS II

amizade na infância é útil
há tempo de sobra e a casa
do amigo talvez tenha mais brinquedos
pais mais equilibrados biscoito recheado

anos depois manter um amigo
pode determinar uma agenda difícil
aborrecimento com seus novos discursos
fotos em exagero de frente pro mar

APROVEITAR A VIDA

sem saber o que vai acontecer
daqui a duas ou três semanas
fica difícil aproveitar a vida

ir ao café com amigos
olhar o cardápio sem medo
rir comendo bolo

esquecer centenas de doenças
tragédias das mais terríveis
cenários perigosos pra qualquer hora

a enorme lista de opções oferecidas
pelo mistério ou pelo acaso
é mais imaginativa no que pode
dar errado

ANNITA COSTA MALUFE

Annita Costa Malufe nasceu em São Paulo, em 1975. É autora dos livros de poemas *Fundos para dias de chuva* (7Letras, 2004), *Nesta cidade e abaixo de teus olhos* (7Letras, 2007), *Como se caísse devagar* (Ed.34/PAC, 2008), *Quando não estou por perto* (7Letras/Petrobras, 2012) e, mais recentemente, *Um caderno para coisas práticas* e *Ensaio para casa vazia* (ambos pela 7Letras), lançados na FLIP 2016.

————— três poemas de *Quando não estou por perto*, 2012 —————

ANOTAR FORTUITAMENTE O BRANCO

anotar fortuitamente o branco o
contorno do vidro modulando o
branco do céu anotar como quem
anota rapidamente um recado as
letras dando a entender um nome
o vidro embaçado pela maresia
a planta fina que cresce entre as telhas
úmidas anote o que digo mas rápido
a voz tem um sotaque rápido ou
lento não sei bem o nome
de onde? um sotaque não me lembro
não faz sentido os nomes são
sempre os mesmos fortuitamente
anoto o contorno que modula veja
o tom de branco esgarçando
aqui rapidamente anote o que
digo entre as telhas na primavera
costuma ser nesta época não sei
de onde este sotaque este modo

de esticar o «r» eu acho que é
nesta época esta planta fina os ramos
costumo anotar mas rapidamente
o contorno se desfaz em seguida e
é entre as telhas na infiltração dos dias
um reflexo automático nisto
de falar da morte e em seguida
olhar o relógio

«Há uma espécie de reflexo automático nisso
de falar da morte e, em seguida, olhar o relógio.»
M. Benedetti, *A trégua*

NÃO ISTO NÃO É UM SONHO TODA VEZ

que há um cavalo uma montanha
a paisagem é a divisa é a
primeira lembrança

isto não é um sonho ou uma
divagação subir a montanha
durante toda a manhã e se perder
no caminho de pedras
brancas como se fosse um atalho

agora todos subimos a montanha
enquanto as flores começam
a nascer e ela diz um galho
uma bifurcação uma visão
mineral e estreita
sombra que muda de lugar

agora todos subimos não isto
não é um sonho não isto não é um
atalho

uma sombra que muda de lugar e
uma vez que muda de
lugar

somos todos nós que
subimos a montanha somos um número
perdido e proliferação de atalhos sem
continuidade

acompanhar a lua que muda
de lugar o trajeto da
lua que muda de lugar

O QUE FALO NUNCA É O QUE FALO

o que falo nunca é o que falo
e sim outra coisa ouve-me ouve-me
daí deste silêncio deste longe longe
a primeira vez que ouvi foi isto longe
uma voz secreta balbuciando ouve
ouve daí você pode me ouvir? era a
pergunta como ficar por um instante aí
no silêncio em torno da pergunta
sem resposta é como estar sem
resposta o que falo nunca é exatamente
o que falo sereno limpo calmo esperar
longe longe a primeira vez que te
ouço é a primeira mas uma voz secreta
um assobio você pode girar em torno
a pergunta não tem resposta como ficar
ficar aí o silêncio em torno é sim
outra coisa o que falo ouve daí
ouve-me você certa vez uma resposta
diria que uma resposta não é jamais
uma resposta o que falo falo daqui

sem calcular certa vez seria isto um
assobio descentrar procurar não é
bem este o conteúdo forma e conteúdo
forma conteúdo separar separar
certa vez esta a pergunta ouvir longe
longe sem resposta ficar este espaço
ouça este espaço em torno este silêncio
vazio escuro espera o que falo qual é
a pergunta qual sereno calmo esperar
qual é senão assobio alto baixo ficar
fluir fluir sem retorno um assobio longe longe

«Ouve-me, ouve meu silêncio.

O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa.»

Clarice Lispector, *Água viva*

————— *três poemas de Um caderno para coisas práticas, 2016* —————

NUNCA ESTOU COMPLETAMENTE PRESENTE

nunca estou completamente presente há
sempre algumas vozes a mais que
me dividem elas me puxam ou
empurram há certas vezes uma
confusão de vozes uma disputa de
vozes que dividem o corpo nunca
estou completamente aqui
há sempre uma flutuação que me
impele me expulsa do corpo

eu nunca estou completamente
aqui meus pés sempre flutuam
um pouco se descolam do apoio
os ouvidos se grudam em algum
som ou são os olhos que desviam
as mãos que vagam como se

pertencessem a outra cena
alguma coisa que se passa
noutro lugar com outra
pessoa algo distante noutro
tempo noutro corpo

às vezes são as palavras
que se descolam seguem uma
linha premeditada outras
vozes corpo ventríloquo
não estou aqui é muito
claro os fios que regem esses
braços e pernas são finos
quebradiços prestes a
se romper sou um
ventríloquo títere não sou
o que se enxerga daí

VAMOS SE APRESSE CORRO DE UMA

vamos se apresse corro de uma
nebulosa fria se apresse corra
contra o tempo corro contra o
relógio ele sempre dizia frio
impassível um rosto de plástico
ela comparou se apresse mas
de que adianta de que adianta
perguntar corro e corro sem
ver estou no ônibus indo
para o trabalho estou quase
chegando não posso falar agora
se apresse estou indo você
não vê não vejo nada à minha
frente não falo estou envolto
numa nebulosa fria os pés presos

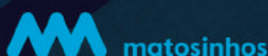
«UMA DE NÓS, ENTRE MIM MESMA
E TU, POESIA, DURANTE O ABRAÇO,
DISSE QUE NESTA VIA ERAM SIM
RACIONAIS DUAS POSSIBILIDADES
A DE CUIDAR DAS FRUTAS E SABER
DA SUCULÊNCIA OU FAZER UMA
PALAVRA NASCER PURA DE CHARCO.»

Com seleção e organização de Francisco José Viegas, esta é a primeira antologia publicada em Portugal da novíssima poesia brasileira, um desafio a que o leitor atravesse o Atlântico em busca de outros versos escritos em português. É *mar alteroso e profundo* para a poesia — que cada vez tem mais dificuldade em sair de circuitos reduzidos e fechados.

O poema convive estreitamente com a solidão dos seus criadores. Num meio tão atomizado e individualizado, em que cada poeta cria o seu próprio universo e linguagem, desenvolver um exercício de arrumação, estética ou até geracional, seria um ato de profunda arrogância e uma inevitável traição à diversidade de vozes que se apresenta neste volume. Por isso, não há aqui qualquer tentativa de catalogação dos autores por temas ou escolas. É tão-só uma mostra de quase duas dezenas de poetas brasileiros com obra publicada exclusivamente no século XXI.

Cabe ao leitor encontrar as suas afinidades e implicâncias; no fundo, cabe-lhe fazer *a sua leitura* — a única razão de ser da poesia: confrontar o leitor com cada verso.

Com apoio de



ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-01-5



9 789898 855015

Poesia

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT